

As Diferenças, as Pulsões, o Narcisismo e as Desavenças

José Antônio Araújo *

Unitermos: Diferenças, pulsões, narcisismo, desavenças.

Resumo

Ao longo desse trabalho, vou discorrer a respeito da importância da pulsão de morte, da sua incansável e permanente luta para a sua satisfação, o gozo; relacioná-la com o narcisismo e como isto nos leva às desavenças, à destrutividade; de como Freud pesquisou as pulsões, aclarando-nos que as duas, a de vida e a de morte, agem sempre em conjunto; do mal-estar e dos sofrimentos que a vida nos impõe inexoravelmente; e finalmente, de como o tratamento analítico pode amenizar tais sofrimentos e amansar as pulsões, ao aumentar e fortalecer o entendimento e a organização do eu. Esta, pois, seria a “cura” freudiana.

“É que Narciso acha feio o que não é espelho”

Versos de ‘Sampa’, de Caetano Veloso

A primeira vez que Freud cunhou a expressão ‘narcisismo das pequenas diferenças’ foi no seu artigo “O Tabu da Virgindade” (1) quando a partir de uma observação de Crawley ele diz: *“Seria tentador desenvolver essa idéia e derivar desse ‘narcisismo das pequenas diferenças’ a hostilidade que em cada relação humana observamos lutar vitoriosamente contra os sentimentos de companheirismo e sobrepujar o mandamento de que todos os homens devem amar o seu próximo”*.

Mais adiante, em 1921, quando escreve “Psicologia de Grupo e Análise do Eu” (2), ele retoma a questão e escreve: *“Nas antipatias e aversões indisfarçadas que as pessoas sentem por estranhos com quem têm de tratar, podemos identificar a expressão do amor a si mesmo, do narcisismo”*.

Porém, é na sua obra “O Mal-Estar na Civilização” (3) que o assunto é retomado e analisado por Freud, principalmente em seu capítulo V.

Antes porém, gostaria de salientar alguns pontos fundamentais, que Freud aponta no capítulo II (pág. 95): *“O sofrimento nos ameaça a partir de três direções”*:

1. *De nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência;*
2. *Do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas;*
3. *De nossos relacionamentos com os outros homens.*

Freud aponta o terceiro como o mais difícil e penoso de todos, e não sem razão. Um pouco antes (pág.93), ele havia escrito: *‘ A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. Afim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas. Existem talvez três medidas desse tipo:*

- *‘Derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça’; ou seja, a ciência.*
- *‘Satisfações substitutivas, que a diminuem’ ; ou seja, a sublimação.*
- *Substâncias tóxicas , que nos tornem insensíveis a ela’ ; ou seja, a anestesia.*

Um pouco mais adiante (pág. 101), é que ele vem a incluir o amor como um poderoso remédio: *“Evidentemente, estou falando da modalidade de vida que faz do amor o centro de tudo, que busca toda satisfação em amar e ser amado”*.

Diz ainda Freud (pág. 103): *“Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo”*. A palavra empregada é esta mesma: *salvação*.

Explorando agora o capítulo V, vemos que Freud (pág.136), retoma a expressão *‘narcisismo das pequenas diferenças’*. E desenvolve o raciocínio de que os grupos se mantêm coesos no amor, conseqüentemente à mando de Eros, mesmo inibido em sua finalidade, contanto que sobre outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade, à serviço de Thánatos. Esta agressividade inata e inerente ao homem, é contida pela lei imposta pela própria sociedade em nome da civilização. Assim, como salienta Freud (pág.137): *“ Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à sexualidade do homem, mas também à sua agressividade, podemos compreender melhor porque lhe é difícil ser feliz nessa civilização’*.

Freud retoma também (pág. 136), o que ele já havia abordado em “Psicologia de Grupo e Análise do Eu” sobre a rivalidade de povos vizinhos, que , por exemplo nós nutrimos em relação aos argentinos e vice-versa.

A questão que levanto neste momento é justamente de fazer a reflexão que o narcisismo que nos compele a preferir sempre a nossa própria imagem à qualquer outra, está à serviço da pulsão de morte, de Thánatos. Segregando a imagem que preferimos não ver, onde não há uma diferença fundamental, acobertando-a, estamos livres para exercer a nossa agressividade primeva.

Baseado nesse raciocínio, podemos, da mesma maneira como Freud aludiu às cruzadas, a outras guerras e empreitadas do mesmo tipo, assistir Bush em nome da democracia (sic) e dos valores fundamentais da civilização cristã e ocidental, perpretar esta mortandade no Afeganistão e no Iraque, ou Bin Laden e a Al Qaeda fazerem alhures o mesmo, em nome do Islã.

Freud, mais adiante no capítulo VI (pág. 144) enumera três vicissitudes para a pulsão de morte:

- Na primeira, a união de Eros e Thánatos no sadismo;
- Na segunda, *‘na mais cega fúria de destrutividade, não podemos deixar de reconhecer que a satisfação da pulsão se faz acompanhar por um grau extraordinariamente alto de fruição narcísica (grifo meu), devido ao fato de presentear o eu com a realização de antigos desejos de onipotência deste último;*

- Na terceira e última vicissitude, Freud relata Thánatos ‘já moderado e domado, e, por assim dizer, inibido em sua finalidade’, ou seja, sublimado.

O tema da guerra é motivo do artigo “Por que a Guerra?” (4) de 1932, que trata da carta escrita por Einstein à Freud, e a resposta deste sobre o tema. Duas são as perguntas fundamentais de Einstein:

- 1) Existe alguma forma de livrar a humanidade da ameaça de guerra?
- 2) É possível controlar a evolução da mente do homem, de modo a torná-lo à prova das psicoses do ódio e da destrutividade?

Freud discorre longamente a respeito das pulsões de vida e de morte e (pág. 252) escreve: *‘Ora, é como se uma pulsão de um tipo, dificilmente pudesse operar isolada; está sempre acompanhada – ou como dizemos, amalgamada – por determinada quantidade do outro lado...’*

E mais adiante: *‘A dificuldade de isolar as duas espécies de pulsão em suas manifestações reais é, na verdade, o que até agora nos impedia de reconhecê-las’.*

Na página seguinte continua: *‘De forma que, quando os seres humanos são incitados à guerra, podem ter toda uma gama de motivos para se deixarem levar – uns nobres, outros vis, alguns francamente declarados, outros jamais mencionados. Não há porque enumerá-los todos. Entre eles está certamente o desejo de agressão e destruição...’*

Mais adiante (pág. 258) Freud escreve: *‘Dentre as características psicológicas da civilização, duas aparecem como as mais importantes: o fortalecimento do intelecto, que está começando a governar a vida pulsional, e a internalização dos impulsos agressivos com todas as suas conseqüentes vantagens e perigos’.*

Ao concluir a sua carta resposta a Einstein, Freud escreve no penúltimo parágrafo: *‘ E quanto tempo teremos de esperar até que o restante da humanidade se torne pacifista? Não há como dizê-lo. Mas pode não ser utópico esperar que esse dois fatores, a atitude cultural e o justificado medo das conseqüências de uma guerra futura, venham a resultar, dentro de um tempo previsível, em que se ponha um término à ameaça de guerra. Por quais caminhos ou por que atalhos isto se realizará, não podemos advinhar. Mas uma coisa podemos dizer: tudo o que estimula o crescimento da civilização trabalha simultaneamente contra a guerra.’*

Assim, no caminhar do pensamento de Freud, no que diz respeito à civilização, ele passa da ingenuidade do otimismo iluminista, à crença na democracia, insistindo no aprofundamento progressivo da mesma, de maneira que a lei que organiza e rege a vida social não seja expressão da vontade de um pequeno grupo, mas de todos. Na perspectiva psicanalítica, a democracia pode ser definida, numa fórmula condensada, como o reconhecimento e aceitação do outro e de seus direitos. Ela supõe a aceitação ao mesmo tempo da igualdade e da diferença, de uma igualdade enriquecida pela diferença. A pulsão agressiva continuará certamente a existir no psiquismo humano, mas ela pode ser administrada, orientada e contida, tanto na vida social quanto na dos indivíduos. Quanto a esses últimos, é disso que nos ocuparemos a seguir.

Antes porém, quero salientar a importância que os psicanalistas podem emprestar ao aperfeiçoamento desse ideal democrático, da fé quase utópica expressa por Freud, não tendo receio de se expor publicamente como pensadores, como tão

bem o fazem Maria Rita Kehl e Jurandir Freire Costa. Seríamos assim, agentes e colaboradores desse ideal.

Voltemos agora ao objetivo precípua da psicanálise que é o de lidar com a singularidade de cada sujeito, de ajudá-lo a melhor situar-se diante da vida. Para isso, vou me basear em um dos últimos escritos de Freud, “Análise Terminável e Interminável” (5) publicado em 1937.

Nesse seu trabalho memorável, Freud vai se ocupar da importância fundamental da pulsão de morte, como o fator mais poderoso, dentre outros, de impedimento ao sucesso de uma análise.

Diz a Nota do Editor Inglês (pág. 244): *‘Freud escreve que a intenção da psicanálise é fortalecer o eu, ampliar seu campo de percepção e aumentar a sua organização, de maneira a que possa apropriar-se de novas partes do isso. Onde o era o isso, ficará o eu’*. Ou, dizendo de outra forma mais usual e famosa: *“Wo es war, soll ich werden”* (Onde está o isso, o eu deve advir).

Vamos a algumas citações do artigo propriamente dito:

1. *‘Dos três fatores que reconhecemos como sendo decisivos para o sucesso ou não do tratamento psicanalítico – a influência dos traumas, a força constitucional das pulsões e as alterações do eu - , o que nos interessa aqui é apenas o segundo, a força das pulsões’* (pág. 256).
2. Diante do reconhecimento de que é impossível livrar-se permanentemente de uma exigência pulsional, Freud escreve: *‘Não, queremos dizer outra coisa, algo que pode ser grosseiramente descrito como “amansamento” da pulsão. Isto equivale a dizer que a pulsão é colocada completamente em harmonia com o eu, torna-se acessível a todas as influências das outras tendências neste último e não mais busca seguir seu independente caminho para a satisfação’* (págs. 256 e 257).
3. *‘Se a força deste(do eu) diminui, quer pela doença, quer pela exaustão, ou por alguma causa semelhante, todas as pulsões que até então haviam sido amansadas com êxito, podem renovar suas exigências e esforçar-se por obter satisfações substitutivas através de maneiras anormais’* (págs. 257 e 258).

Ou seja, a pulsão é incansável, está sempre à espreita de uma oportunidade para evadir-se, para satisfazer-se: GOZA!

4. *Impressão alguma mais forte surge das resistências durante o trabalho de análise do que a de existir uma força que se está defendendo por todos os meios possíveis contra o restabelecimento e que está absolutamente decidida a apegar-se à doença e ao sofrimento. Uma parte dessa força já foi por nós identificada, indubitavelmente com justiça, como sentimento de culpa e necessidade de punição, e foi por nós localizada na relação do eu com o supereu. Mas essa é apenas a parte dela que, por assim dizer, está psiquicamente presa pelo supereu e assim se torna reconhecível; outras cotas da mesma força, quer presa, quer livres, podem estar em outros lugares não especificados’* (págs. 275 e 276).
5. *‘Somente pela ação concorrente ou mutuamente oposta das duas pulsões primeiras – Eros e a pulsão de morte -, e nunca por uma ou outra sozinha, poderemos explicar a rica multiplicidade dos fenômenos da vida’* (pág. 276).

Assim, Eros e Thánatos estão amalgamados para sempre, agindo em conjunto, nunca isoladamente. Uma união indissolúvel.

6. *‘Nosso objetivo não será dissipar todas as peculiaridades do caráter humano em benefício de uma “normalidade” esquemática, nem tampouco exigir que a pessoa que foi “completamente analisada” não sinta paixões nem desenvolva conflitos internos. A missão da análise é garantir as melhores condições psicológicas possíveis para as funções do eu: com isso ela se desincumbiu de sua tarefa’* (pág. 284).

Antes de encerrar, gostaria de recomendar a leitura de um interessante texto de autoria de W. Erb, escrito em 1893 , reproduzido por Freud no seu artigo “Moral Sexual ‘Civilizada’ e Doença Nervosa Moderna” de 1908 (6), onde poderemos constatar que as preocupações da nossa era atual, da pós-modernidade, são bem similares às de então, não havendo pois, uma significativa diferença à luz dos pontos levantados nesse artigo pelo autor, que já se preocupava com a pressa; com a tecnologia; com o consumismo; com o mundo das comunicações; com os conflitos religiosos, sociais e políticos; com a busca desenfreada de prazeres intensos; com as paixões e com a sensualidade proposta pela literatura da época, apresentando aos leitores *‘personagens patológicas com sexualidade psicopática’*; e por último para a minha surpresa: *‘nossa audição é excitada e superestimada por grandes doses de música ruidosa e insistente*. Que música seria essa? Valsas de Strauss? O que diria o autor hoje a respeito das aparelhagens de som instaladas nos porta-malas dos carros reproduzindo pagode e músicas do tipo bate-estacas ? E as festas nos condomínios?

Alguém já disse que os poetas nos precedem e foi assim que comecei citando um e agora encerro o meu trabalho citando outro deles, Manoel de Barros:

“A maior riqueza do homem é a sua incompletude “.

*Aluno do Curso Básico de Técnica Psicanalítica do Círculo Psicanalítico da Bahia.

Bibliografia

- (1) Freud, S. – E.S.B. das Obras Psicológicas Completas de S. Freud - Vol. XI pág.184
- (2) Ib. – Vol. XVIII pág. 129.
- (3) Ib. -- Vol. XXI.

- (4) lb. – Vol. XXII.
- (5) lb. -- Vol. XXIII.
- (6) lb. -- Vol. IX pág.s188 e 189